

O TYPOGRAPHO.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO.

Collaboradores—Diversos.

Este jornal pertence aos typographos da Regeneração. Publica-se uma vez por semana, aos do-
gos. Preço da assignatura: por uma série de 10 numeros 1\$000, pagamento adiantado.

1.ª Serie |

Desterro, 25 de Agosto de 1872.

| 5

O TYPOGRAPHO.

Desterro, 25 de Agosto de 1872.

Deus e a poesia.

O triste e saudoso descahir de uma bella tarde de primavera; a flôr que desabrocha isolada no meio das agrestes penedias do valle; o mavioso cantar do sabiá, occulto entre a virente folhagem da florescida lorangeira, fór não a verdadeira fonte da poesia, porque todas estas sublimidades são emanadas de Deus.

Que encanto mais dôce, que mais suaves reminiscencias se apoderão de nós, do que quando contemplamos extaticos e quazi esquecidos da propria vida, essa natureza, tão rica de verdura, de flores, de perfumes e de harmoniosos concertos que fazem as avesinhas que vôão a seus ninhos, procurando abrigo á noite que se approxima?

Que encanto mais doce, que mais suaves recordações se apoderão de nós, do que quando fictamos o céu todo marchetado de scintillantes estrellas, em uma bella noite de luar?

Que encanto mais doce, que idéias mais suaves, se apoderão de nosso espirito, do que quando olhamos o mar — a mais soberba obra da criação — que beija, suspirando tranquillamente, as brancas areias das praias que o circumdão?

Nenhum, porque nossa idéia está fixa num só ponto — Deus! —

Que maior estremeimento de tristeza percórre nossos membros, do que quando vêmos o céu, ha poucos instantes calmo e sereno, cobrir-se de grossas e nêgras nuvens, precursôras da tempestade?

Que maior e mais inexplicavel estremeimento de tristeza se apodera de nossos corações, do que quando sentimos o fórte ribombo do trovão — a voz da suprema magestade — eccoando sobre nossas cabeças?

Que mais triste pensamento nos preoccupa, do que quando vemos o raio desprender-se das nuvens, e cahir, tornando em cinzas o secular carvalho, o altivo pinheiro e a rasteira vassourinha?

Nenhum, porque n'essas occasiões é que nos é dado contemplar a omnipotencia de Deus!..

O cahir da bella tarde de primavera, a sublimidade da natureza, o céu coberto de scintillantes estrellas, o mar que tranquillamente murmura, são a fonte da suave poesia do amor; mas o céu que se envolve em um manto de nuvens, o trovão que ribomba estremeendo a terra, o raio que allumia o espaço com sua terrivel luz, são a fonte da soberba poesia da natureza, da magestade Divina!

E essas duas fontes reunidas formão um oceano de bellezas, sublimidade, inspiração, cujas agoas, sempre crystalinas e puras, Deus nos offerece em taças de ouro, porque é Elle o verdadeiro rei da poesia!...

Memorias de um pobre.

(Romance.)

(Continuação do n. 4.)

III

SORRISOS E LAGRIMAS.

No dia seguinte accordei-me sobre-
saltado com fortes punhadas que davão
à porta do meu quarto.

— Quem batte ?

— Abra, abra depressa, nhô-nhô.

— Espere um momento.

Vesti-me á pressa e abri a porta : en-
trou uma das pretas da casa.

— Que temos ?

— A senhora mandou dizer que se
apromptasse o mais breve possível, por-
que tem de fazer viagem com ella...

— Para onde ?..

— Para a casa de campo.

— Ah !... Diga que já vou.

A preta sahio. Metti roupa e alguns
livros em uma pequena mala de viagem
e fui para a sala esperar Izabel.

Não se fez esperar muito tempo.

— Então, está prompto ?...

— Como vê.

Montamos a cavallo e partimos. Ao
cahir da tarde, chegámos ao nosso des-
tino.

Oh ! que paraíso era a propriedade
de Izabel !

Era uma casinha branca, rodeada de
larangeiras frondosas, e que parecião
estar na sua primeira idade.

Ao lado estendia-se uma vasta cam-
pina tapizada de virente relva e ornada
de mimosos festões de flôres.

Os sabiás de diversas qualidades e
côres, neste e n'aquelle galho, soltavão
os mais harmoniosos de seus gorgeios.

Os travessos canarios, ou no mais
elevado da lorangeira, ou pousados na
verde grama, soltavão nesse delicioso
momento, o seu mais doce trinado.

O negro colleirinho, o gaturamo, a
rôla, a jurity, cantavão, ou gemião con-
forme o seu merito natural.

A sublimidade desse logar, que os-
tentava a vida e a belleza em todo o seu
vigor, era uma das provas mais evi-
dentes de que existe um — Deus. —

Eu já tinha quinze annos nesse tempo.
Maravilhado pelo bello panorama que
se me apresentava á vista, escrevi os se-
guintes versos, que depois forão aper-
feçoados por Izabel e que intitulei :

NUNCA ?

Nunca vistes solitaria
No meio de verde prado
Uma casinha alvejante
Como as azas côr de neve
De alvo cysne namorado,
Que sobre a face brilhante
De um lago calmo e doirado
Por um sol formoso e brando
De florente primavera,
Se banhando, correr lêve ?
Nunca vistes ?

Como é bello !

Assim é o doce abrigo
Que se ergue, como o cysne,
No meio de verde prado !

Como é doce ver as flôres
Desabrocharem festivas
Num meigo enlêvo de amores
Com seus celestes encantos !
Como é sancto ouvir os cantos
Do sabiá mavioso,
Pouzado nos verdes ramos
Do florescido jambeiro,
Que se mo-tra prazenteiro
Ao surgir da primavera !
Ouvir as aguas da fonte
Que docemente murmura
Por entre as pedras do monte,
Sob as sombras da espessura !
Ver um céu mystico e lindo
Cheio de gala e de encantos !...
Oh ! sancto Deus ! quem me dêra !

Quem me dêra ter a chamma
 Da inspiração ! Quem podêra
 Sentir n'alma a doce flamma
 De um genio grande e sublime,
 Para poder estas scenas,
 Da natura, tão serenas,
 De vosso poder e gloria,
 Descrever com perfeição !
 Mas, ai de mim ! que não tenho,
 A flamma de um grande genio
 A chamma da inspiração !
 O meu fraco e humilde engenho
 Não pode dar colorido
 A's scenas da criação !...
 Mas, meu Deus, dentro em meu peito
 A's iras da sorte affeito,
 Sempre prompto para amar-vos
 Pulsa e batte um coração !

(Continúa.)

A' uma joven.

A tua dôce tristeza
 Me fazia adivinhar
 Que o pensamento mandavas
 A's ondas do alto mar.

Assim triste e pensativa
 Jazias a suspirar,
 Enviando os teus suspiros
 A's ondas do alto mar !

Não dizes qual é a causa
 Que te faz assim pensar ?
 — Talvez que esteja bem longe...
 Nas ondas do alto mar !

E éras calma e serena como a estrella
 Que entre nuvens lá no céu brilhava;
 E triste como a rôla que, saudosa,
 Longe do amante para sempre estava !

Teus olhos bellos como a luz do dia,
 Quando da noite vêm cahindo o manto,
 Qual um astro de amôres, despejárao-me
 Este simples, saudoso e triste canto.

Um sorriso, ai ! apenas entre-abria
 Teus labios virgens de carminea cor,
 Qual briza que fagueira, vai passando
 Sobre a folha mimosa de uma flôr.

MUTILADO

MUTILADO

RAPHO.

CHARADAS

Vamos ! Silencio !
Fóra o rumor ! —1
Quero mostrar-vos
Mais esta flôr —1
Faço dos mancos
Parte sem dôr —1

Sou de metal,
Tenho figuras,
Tenho virtudes,
Sou poderoso
Mais que um Senhor.

Sou mais de um, um me chamão —1
E como pobre assim faço
A minha sorte mofina —3
Fazendo leis as desfaço.

Assim faz o terno amante
A' formosa Dulcinéa, —2
Vai aos jardins e procura....
Alto ! que aqui mesmo achei-a —1

E' uma ave
Mimosa insônte,
Que a ardente fronte
Do bardo, enleia !

Por muito que ande
Estou sempre parada —1
Caminho e não dou
Nem uma passada —1
Do Olympo correram-me
Por artes que fiz.

O. S. S.

A decifração do logogrifho do n. 4—e Atoleimado—e a das charadas a 1.ª — Procella — a 2.ª Silicio— a 3.ª Maria— a 4.ª Rosario — e a 5.ª Anillina.

Typ. da «Regeneração». Largo de
Palacio n. 32.